

Satisfazendo um pedido do do amigo Edegar Rodrigues autor desta obra, vou tentar dár a minha colaboração nas lutas sociais, no decorrer dos anos até á queda do facismo em Portugal.

As lutas são tantas do proletariado antes e depois durante o regime Democrático e durante a famosa dinastia Salazarista, que não chegaria 4 volumes da as descrever pois os nossos inumeros camaradas teem muito que contár.

Começo caros leitores por lhes dizer que nós os os anarcos sindicalistas, em vistas aos nossos principios de luta de classes nunca fomos muito compriendidos pelos politicos, apesar de estarmos sempre prontos para salvar a Republica, e constatou-se pois foi o;Prolétariado que a salvou na ententona monarchica em Monsanto e Porto na dcada de 19.

Eu éra muito novo mas meu falecido pái que ajudou no 5 de Outubro de 1910 e fundador com os camaradas Joaquim Cardozo, Vitor Martins, e tantos outros do Sindicato unico da Construção Civil.

Paulo Duarte logo que entendeu que o podia acompanhár me levou para o sindicato, e o primeiro que conheci foi na rua da Barróca, récordo ainda a porta da entrada éra bastante larga talvez já preparáda para esquamento mais rapido quando a policia entendia que devia acabar com as reuniões dos sindicalistas.

Da rua da Parroca passamos para a Calçada do Combro, onde se instalou a nossa C.G.T. e a Redação da Batalha; e das respectivas seccões os camaradas se reunião á noite e muita coisa se fêz em beneficio do proletariado principalmente em fescalizaçãõ ao respeito que se impunha sobre o horario de 8 horas que muitos companheiros alheios ao sacreviçio que custou vidas e prisões não respeitavam o horario.

Sobre este episodio vou contar uma passagem que tumei parte, estavamos trabalhando na construçãõ do novo manicómio, no Campo Grande cuja Rua não me recordo; as obras erãõ deregidas pelo Conselho Técnico da C.G.T. tinha como chefe o camarada Alberto Dias; quando saimos ás 5 horas deparamos com uma obra dos Tomarenses (chamavamos esse nome pelo motivo que uma invasão de trabalhadores dessa cidade á muito tempo estavãõ invadindo Lisboa, ficavãõ nas obras e recebiam salarios pouco compensadores visto terem sido contratádos por praticios que tinhãõ algum capital e se aventurãrm na construção em Lisboa.

Nós não viamos com bons olhos esses camaradas que muito embora tivessem o direito á vida nos prujudicavãõ, não respeitavãõ o horario.

Resultãdo ivadimos a obra e só a comparencia do A. Dias ivitou graves consequencias, mas felismente no fetura acabamos com os abusos de falta de respeito ás 8 horas

Nas obras em construção nas A. Novas; cimo este caso muitos ocorrerão alguns casos com acompanhamento da policia que muitas vezes nos conduziam á esquadra mais proxima, e depois de ouvirmos o sermão do chefe da esquadra nos mandava embora.

E as lutas sindicais continuaram e continuarão seja em que situação estiver politicamente o país, até á imancipação dos trabalhadores.

coma pouca consideração que os politicos tinham a C.G.T. se chegou ao famoso 28 de Maio de 1926 que muitos julgavam que dias melhores viriam para o povo, as organizações operarias porem não tinham essa opinião o que contactámos dias após á formação do novo governo em um comicio que se realizou no parque Eduardo VII pois o perimetro onde se realizava estava cercado com a chamada guarda (poturiana) Republicana o batismo do que deu o primeiro nome era derivado que muitas vezes essa guarda saía do Q. do Carmo já pronto para lansarem os cavalos já amestrados em cima de nós e me lembro bem que na greve de 19 quando saíamos de uma reunião em que o ultimo orador foi o falecido Vitor Martins; tinhamos chegado á rua e lá estava a poturiana á nossa espera que aos gritos de viva a greve fomos agredidos e espesihados pelas patas dos cavalos, e só nos vimos livre deles por alguém ter lançado uma chamada laranja que resultou algumas baixas na guarda e ferimentos de alguns dos nossos.

Nesse dia seguimos para o sindicatos dos metalurgicos cuja séde era na Rua da Esperança onde se riunia a classe também em greve; na saída ~~eram~~ eramos esperados pelos camaradas policias que se atiraram a nós com os seus casetetas de borácha, eu e outro camarada caímos em seu poder e só podiamos defender a muito custo e só nos deixaram por um dos agresores ter recebido uma pedra na cabeça que o pôs fora do combate.

Recordando estes e outros ipisodios pergunto...

Quem ~~para~~ governava p país? um governo Democratico cujos *políticos* policos não tinham nem nunca tiveram pelo proletariado nenhuma consideração e só prometiam regalias quando das ileições promessas que nunca pagavam, por ~~isso~~ e outras= o povo não ligou nem deu um passo para defender os politicos no 28 de Maio, na altura era salvo erro p. da Republica o Dr. Bernardino Machado que terei ocasião de me referir no docorrer destas recordações nas lutas sindicais.

Daremos um pulo grande de 28 de Maio ao emcerramento da C.G.T. e adestruição da Batalha.

Clandestenidade

As prisões de muitos camaradas e a léva para o Tarrafal, deixa uma grande bréxa nos melitantes que apouco e pouco se vão agrupando e cumecamos por por a bom recato a maquina e impressão da Batalha; e o jornal vai aparcendo em parceria com o ABANTE e



